



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS

MARIA ESTEFFANE LIBERATO DA SILVA

**“COISAS QUE EU ODEIO EM SER MULHER NEGRA”: VISUALIDADES E
ESTEREÓTIPOS DA MULHER PRETA NAS REDES SOCIAIS,
CONSIDERAÇÕES ACERCA DA OBRA DE LÉLIA GONZALEZ**

RECIFE

2024



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS

MARIA ESTEFFANE LIBERATO DA SILVA

**“COISAS QUE EU ODEIO EM SER MULHER NEGRA”: VISUALIDADES E
ESTEREÓTIPOS DA MULHER PRETA NAS REDES SOCIAIS,
CONSIDERAÇÕES ACERCA DA OBRA DE LÉLIA GONZALEZ**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal
de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências
Humanas, como requisito para a obtenção do título
de Licenciatura em Ciências Sociais.

Orientadora: Ana Cláudia Rodrigues da Silva

RECIFE

2024

MARIA ESTEFFANE LIBERATO DA SILVA

**“COISAS QUE EU ODEIO EM SER MULHER NEGRA”: VISUALIDADES E
ESTEREÓTIPOS DA MULHER PRETA NAS REDES SOCIAIS,
CONSIDERAÇÕES ACERCA DA OBRA DE LÉLIA GONZALEZ**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal
de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências
Humanas, como requisito para a obtenção do título
de Licenciatura em Ciências Sociais.

Aprovado em: 20/02/2024

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dra. Ana Cláudia Rodrigues da Silva (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Francisco Sá Barreto dos Santos
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^ª Ma. Christina Gladys de Mingareli Nogueira
Universidade Federal de Pernambuco

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao meu querido pai Edinaldo Alexandre (*in memorian*), que foi tirado de mim no início da minha jornada na UFPE, mas foi o meu maior incentivador e sonhou junto comigo, e sempre se orgulhou das minhas conquistas. Essa é para o senhor painho!

Dedico também à minha avó materna Tereza (*in memorian*) que foi para mim um grande exemplo de empoderamento e potência de uma mulher preta. Esse trabalho é para as nossas Vó Tereza!

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus que foi o meu grande amigo e orientador durante toda a minha trajetória de vida, foi com ele que cultivei os meus sonhos. Agradeço também à Virgem Maria, particularmente à veneração de Nossa Senhora da Conceição, da qual me envolveu em seu manto desde os momentos felizes aos mais tristes durante esses quatro anos. Agradeço aos meus santos de devoção São Padre Pio de Pietrelcina e Santa Terezinha do Menino Jesus, com vocês eu aprendi a importância da verdadeira humildade e doação.

À minha mãe Luisa, que mesmo diante das adversidades da vida sempre me incentivou e me apoiou na minha jornada, e nunca mediu esforços para realizar os meus sonhos, que se tornaram os dela também. Ao meu irmão Jefferson, que sempre foi meu companheiro de vida desde a infância, mesmo diante das nossas diferenças a irmandade prevaleceu.

Aos meus familiares, nas pessoas de titia Edivania, que me apoiou onde eu não teria condições, minha querida prima e irmã Samara que foi minha dupla, não só de quarto, mas de afetos durante esses quatro anos e meio. À minha prima Tayná, que juntamente com Samara, tornou as noites após as aulas mais leves e divertidas em nossa morada.

Aos meus queridos amigos, Elizabeth que desde muitas crianças partilhamos do mesmo sonho dentro de uma linda amizade da qual eu me orgulho, à Matheus que diante de seu temperamento forte e lealdade me ensina diariamente o verdadeiro sentido de amizade, à Leonardo Júnior que representa a importância de se ter um amigo na caminhada de fé.

Agradeço ao melhor PET que já existiu na UFPE, o PET Conexões Encontros Sociais. Vocês me ensinaram a como viver a universidade e se sentir pertencente a ela. Agradeço a Chico, nosso querido tutor, pelas trocas, ensinamentos e tantos momentos importantes. Agradeço às amizades que cultivei dentro deste grupo, principalmente à minha grande amiga Luciene Rosa.

Agradeço à minha orientadora Ana Cláudia Rodrigues pelo incentivo e dedicação em seus esforços para me ajudar dentro e fora da pesquisa, eu aprendi e sigo aprendendo muito com você. À todos os professores pelos quais passei em minha vida, desde a infância até o ensino superior, são vocês os formadores de todas as profissões. Que orgulho que é para mim tornar-se uma de vocês.

Às minhas interlocutoras, que aceitaram se expor em prol da minha pesquisa. À todas as mulheres pretas que produzem conteúdos sobre questões raciais dentro das plataformas digitais. Vocês são a voz que ressoa à destruição do racismo/sexismo.

Aos meus companheiros da turma de Licenciatura em Ciências Sociais 2019.2, que até aqui compartilharam de experiências parecidas dentro do curso. E aos que ainda irão concluir, vocês são capazes!

Por fim às políticas de permanência da Universidade Federal de Pernambuco, que foram cruciais na minha jornada acadêmica, sem a assistência estudantil eu não seria capaz de concluir o curso. Obrigada!

EPÍGRAFE

“Ao reivindicar nossa diferença enquanto mulheres negras, enquanto amefricanas, sabemos bem o quanto trazemos em nós as marcas da exploração econômica e da subordinação racial e sexual. Por isso mesmo, trazemos conosco a marca da libertação de todos e todas. Portanto, nosso lema deve ser: organização já!”

– Lélia Gonzalez

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo principal evidenciar e analisar, como as mulheres negras vêm encontrando espaço a partir de plataformas como o *TikTok*, para explicar suas realidades, e como a exposição da temática pode beneficiar diversas mulheres e adolescentes negras que utilizam essas redes. O trabalho utiliza-se de três técnicas de coletas de dados oriundas da pesquisa qualitativa tendo em vista que este baseia-se na narrativa da *trend*, levando em consideração experiências individuais dos participantes. As técnicas utilizadas foram: a pesquisa *On-line*; entrevistas com as participantes e as espectadoras da *trend*; diário de campo. Os resultados desta pesquisa apontam que apesar das violências e racismos enfrentados dentro das plataformas digitais, as reivindicações a partir da popularização de pautas raciais dentro dessas plataformas têm surtido efeitos positivos. A *trend* “coisas que eu odeio em ser mulher negra” vem gerando uma rede crescente de mulheres que se apoiam, aprendem e compartilham entre si experiências cotidianas com o intuito de lutar em favor do combate ao racismo/sexismo.

Palavras-chave: Mulheres Negras; *TikTok*; Racismo; Redes Sociais

SUMÁRIO

1. Introdução.....	9
2. O suporte bibliográfico: de Lélia Gonzalez à Grada Kilomba, Kabengele Munanga Neusa Santos Souza, Frantz Fanon e bell hooks.....	13
3. O ativismo de mulheres negras e as redes sociais: das <i>trends</i> à denúncias.....	19
3.1 <i>A luta cotidiana, a falta de representatividade, a subalternidade e o apagamento.....</i>	<i>19</i>
3.2 <i>As redes sociais e a oportunidade de serem ouvidas: as trends, os apagamentos e o TikTok.....</i>	<i>21</i>
3.3 <i>A mulher negra e o auto ódio: para além da trend.....</i>	<i>26</i>
4. Coisas que eu odeio em ser mulher negra: a voz a partir da <i>trend</i>.....	30
4.1 <i>Localização da problemática da trend e a necessidade de ouvir as mulheres.....</i>	<i>30</i>
4.2 <i>“a gente foi limitado muitos anos de estar em alguns espaços, e a mulher negra principalmente”.....</i>	<i>32</i>
4.3 <i>“acho importante a gente falar sobre todas, as coisas boas e as coisas ruins, pra gente avançar enquanto pensadoras, enquanto críticas dentro da nossa sociedade”.....</i>	<i>36</i>
5. Considerações finais.....	41
Referências Bibliográficas.....	43
Apêndices.....	45
Anexo.....	47

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo principal expor e analisar como as mulheres negras estão encontrando espaço a partir das redes sociais para explanar suas realidades, quais seriam essas realidades e como a exposição da temática pode beneficiar diversas mulheres e adolescentes negras que utilizam essas redes de entretenimento, a partir da perspectiva de alguns textos de Lélia Gonzalez como principal suporte bibliográfico. Considerando a ambientação da pesquisa nas redes sociais, ao longo do trabalho é possível encontrar alguns termos que são utilizados de forma frequente nas redes sociais, particularmente no *TikTok*.

Com a expansão da cibercultura¹, principalmente em meio ao período pandêmico, as redes sociais foram a maneira que muitas pessoas, que estavam em isolamento social, encontraram para se sentirem presentes em sociedade, mesmo que por trás de telas. Não por acaso, dados presentes em uma matéria do *Blog Ninho Digital*, intitulada “O uso das redes sociais no Brasil e as mudanças durante a pandemia”, apontam que no ano de 2021 o Brasil tornou-se o terceiro maior usuário de mídias digitais, ficando atrás apenas das Filipinas e da Colômbia. Instituições de Ensino, no período mais crítico da pandemia do vírus SARS-CoV-2, viram nas plataformas digitais e em seus vídeos a solução para dar continuidade na aprendizagem dos estudantes que não podiam ir até a escola. O “boom” das mídias digitais, foram em certo sentido o arrimo principal da comunicação humana para além da comodidade de suas residências.

Aproveitando-se da grande movimentação de pessoas interagindo nas mídias digitais, muitas empresas resolveram “turbinar” essas redes com novas funcionalidades. A grande inspiração na criação das novas ferramentas foi o *TikTok*². O aplicativo de mídia foi criado exclusivamente para a produção e compartilhamento de vídeos curtos. A partir do sucesso e facilidade de uso desta ferramenta, onde além de gravar e publicar, também é possível editar as produções, outros aplicativos de redes sociais incorporaram a opção em suas funções.

Toda a situação, de distanciamento social causada pela pandemia da covid 19, o crescimento na migração de pessoas para as plataformas digitais e a facilidade de utilização

¹ A cibercultura é um conjunto de técnicas materiais e intelectuais, práticas, atitudes, modos de pensamento e valores que se desenvolvem com o crescimento do ciberespaço. Ela é um fluxo ininterrupto de ideias, ações e representações entre pessoas conectadas por computadores. Podemos incluir aí smartphones, tablets e demais dispositivos conectados à internet.

Fonte: <https://posdigital.pucpr.br/blog/pierre-levy#:~:text=Para%20Pierre%20L%C3%A9vy%2C%20a%20ciber cultura,entre%20pessoas%20conectadas%20por%20computadores.>

² A palavra “TikTok” vem da onomatopeia tique-taque, que imita o barulho feito por relógios. O termo também é utilizado para marcar ações em um espaço de tempo. O nome da rede social faz referência aos cliques curtos dos usuários, que são a atração do TikTok.

Fonte: <https://www.techtudo.com.br/listas/2020/04/o-que-significa-fy-no-tiktok-conheca-5-gurias-da-rede-social.ghml>

das ferramentas de produção de vídeos curtos, deu visibilidade a diversos temas que antes não eram discutidos ou acessados com facilidade. Grupos das camadas minoritárias da sociedade passaram a encontrar nas mídias digitais, a visibilidade que antes lhes era negada pela grande mídia. Em meio a esses grupos estão as mulheres negras, que passaram a produzir conteúdos e denunciar situações oriundas dos seus cotidianos. Passaram a mostrar que nem tudo o que a sociedade brasileira oferece ao povo preto e às mulheres negras, é correto ou normal.

Através de *trends*³, séries de vídeos e reações a alguma situação ou produção cinematográfica, influenciadoras, militantes e jovens negras, denunciam o racismo e o sexismo que submerge o dia-a-dia de suas iguais. Na *trend* do *TikTok* “*coisas que eu odeio em ser mulher negra*”, onde várias adolescentes e mulheres negras, de lugares diferentes ao longo do país e do mundo, falam de situações parecidas, de solidão, estereótipos e abandono, percebe-se o quão importante e urgente é tornar cada vez mais visíveis todos os problemas que as mulheres de cor, que vivem à margem da sociedade, ainda enfrentam, e do porque mesmo que décadas após o período escravocrata, a ferida permanece aberta, e machucando sempre o mesmo lado e nas mesmas proporções.

Na vida fora das redes, existe um padrão de mulher negra a ser aceitável pela supremacia branca como bonito. Então ter traços finos, cabelo liso ou cacheado sem volume, ser “negra de pele clara” e principalmente ter um corpo escultural, é o padrão correto a se seguir. Dentro das mídias digitais não é diferente, e talvez seja ainda pior, pois o aceitável, é quase impossível e sem defeitos, nem parece humano. Mesmo com toda a perseguição e terror a qual são submetidas – porque as mulheres negras ganharam a autonomia, mas os usuários racistas também possuem os mesmos direitos – elas ainda encontram coragem para continuarem lutando e denunciando os efeitos nocivos do racismo/sexismo em suas vivências mesmo quando suas falas são intituladas como *mimimi*⁴, *lacrção*⁵, ou ainda sem importância. Curiosamente, segundo dados de 2020 presentes em uma coluna no *Site* da revista *VOGUE* - “Sobre mulheres negras e cancelamento nas redes sociais”- , mais de 80% dos alvos do famoso cancelamento nas redes são mulheres negras.

³ Trend no *TikTok* é a expressão usada para se referir a vídeos que ganham destaque e se tornam uma tendência por serem replicados milhares de vezes no aplicativo. <https://aveli.com.br/trend-no-tiktok/>

⁴ Termo utilizado em contexto informal para descrever ou ofender uma pessoa que chora ou reclama; Geralmente, possui conotação ofensiva ou de ironia, sendo usada para tentar diminuir a manifestação de alguém, tornando aquilo ?frescura? e ?reclamação sem sentido?. <https://www.dicionarioinformal.com.br/mimimi/>

⁵ Com a popularização na internet, a expressão ganhou um **sentido extra, com um tom pejorativo**. Passou a ser usado para fazer críticas irônicas a quem promove um discurso com o qual não concorda. Normalmente, sobre temas como defesa às minorias e posicionamento político de esquerda. <https://www.dicionariopopular.com/lacracao/>

Em seu livro *Olhares Negros*, precisamente no capítulo onze, intitulado *Representação da branquitude na imaginação negra*, bell hooks escreve que, pessoas brancas acham inacreditável quando pessoas pretas “avaliam criticamente pessoas brancas de um ponto de vista a partir do que “ser branco” é um símbolo de privilégio”(P. 251) . A branquitude⁶ tem uma espécie de medo da capacidade, inteligência e coerência que pessoas negras, principalmente as mulheres, possuem em observar, classificar e denunciar os desatinos do racismo cometidos confortavelmente por eles.

Em um de seus trabalhos mais conhecidos denominado *Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira* publicado em 1983, a antropóloga Lélia Gonzalez, que utilizo como apoio teórico principal deste trabalho, irá discorrer a respeito da articulação entre racismo/sexismo e do quanto essa união provoca efeitos impetuosos para mulheres negras. A naturalização de práticas racistas tornou-se tão rotineira, que para serem vistas, as mulheres negras precisam sujeitar-se a situações expostas pelo mundo supremacista branco, a fim de serem vistas nos mais diversos setores que rodeiam as suas realidades. Ainda assim, mesmo submersas pelos estereótipos que agradam a branquitude, sofrem com o racismo e o sexismo. Muito do que a autora escreveu e expôs sobre as diversas situações na qual a sociedade brasileira coloca as mulheres de cor, está presente na exibição dos vídeos produzidos na *trend* e em outros vídeos do *TikTok* apresentados por mulheres negras. Gonzalez torna-se atual mesmo depois de três décadas de sua morte. Ela não estava à frente do seu tempo, na verdade a dualidade racismo/sexismo é quem sempre esteve parada no tempo, impregnada ao longo da história da nossa sociedade.

A referida pesquisa apoia-se à metodologia qualitativa (Flick 2009), baseando-se nas narrativas da *trend*, considerando as experiências individuais das(os) participantes. A pesquisa foi realizada a partir da observação da série de vídeos dentro do *TikTok*, onde além do conteúdo, foram considerados os comentários deixados pelos usuários que tiveram acesso ao material exposto, a fim de que houvesse uma análise sobre os efeitos ocasionados a partir da exposição da temática. Também foi utilizado o caderno de campo, para registros imediatos das observações. Por fim, também foi utilizado o recurso das entrevistas, para que fosse

⁶ Existem indícios que apontam que , inicialmente, o conceito tenha sido construído por W. E. B. DU Bois em sua obra *Black Reconstruction in the United States*. Outro nome importante à teorizar a respeito da branquitude foi o martinicano Frantz Fanon, que em uma de suas obras defende a extinção das raças, buscando a libertação do negro sobre a negritude e o branco sobre a branquitude. Segundo a professora Lia Vainer Schucman, referência brasileira sobre os estudos da branquitude, “ A branquitude é um lugar de privilégio nas sociedades estruturadas pelo racismo. Isso se repete em todas as sociedades do passado colonial— quase todas no mundo, portanto. Talvez não seja assim entre os esquimós. Entre eles, talvez a brancura da pele não signifique branquitude.” Outros nomes como, Grada Kilomba, Cida Bento, Alex de Jesus, etc. que estão no cenário acadêmico também discutem o campo e o conceito de branquitude

possível capturar as opiniões das criadoras de conteúdos a respeito dos temas abordados na série de vídeos. As entrevistas foram realizadas apenas com duas mulheres, uma vez que não obtive respostas de outras que foram contatadas. O trabalho teve ainda o auxílio de pesquisas *online* e apoio bibliográfico de alguns textos de Lélia Gonzalez e outros autores que deram suporte. Em meio a necessidade, foram selecionados seis vídeos de usuárias diferentes para uma observação mais detalhada, a fim de contribuir como base para esta pesquisa.

O Trabalho está organizado em cinco capítulos, sendo o primeiro e o último a introdução e as considerações finais, e nos demais capítulos o desenvolvimento da pesquisa. O segundo capítulo, busca situar o leitor a respeito da escolha da antropóloga Lélia Gonzalez como bibliografia principal da pesquisa, além de apresentar os textos complementares que foram selecionados para dar suporte à autora principal. Este capítulo tem como intuito fazer uma movimentação pedagógica sobre a importância das epistemologias negras e de Lélia para a construção de uma sociedade que busca discutir criticamente e eliminar o racismo/sexismo de suas camadas.

O terceiro capítulo intitulado *O Ativismo de Mulheres Negras e as Redes Sociais: trends e denúncias* trata-se de como se deu o ativismo e lutas das mulheres negras, considerando a realidade brasileira, a partir da sua atuação e influências já no período escravocrata até os dias atuais, onde apoiadas aos ideias e carencias de pauta de movimentos voltados à garantia de direitos, a exemplo do Movimento Negro e do Feminismo, as mulheres negras sempre buscaram lutar em favor do combate ao racismo/sexismo. O capítulo aborda ainda uma reflexão sobre o auto ódio de pessoas negras e também a possibilidade de visibilização a partir do ativismo nas redes sociais a partir do recurso da *trend*. O quarto Capítulo que tem como título o nome da série de vídeos “*Coisas que eu odeio em ser mulher negra*”: *a voz a partir da trend*, aborda a visão de duas mulheres que participaram da *trend*. Nesta seção busco analisar as falas das interlocutoras em relação ao conteúdo de seus vídeos e trajetórias diárias de enfrentamento do racismo/sexismo.

2. O SUPORTE BIBLIOGRÁFICO: DE LÉLIA GONZALEZ À GRADA KILOMBA, KABENGELE MUNANGA, NEUSA SANTOS SOUZA, FRANTZ FANON E BELL HOOKS

Lélia Gonzalez foi uma antropóloga brasileira que viveu até os 59 anos de idade, mas deixou um grande legado na luta anti racista principalmente considerando a realidade das mulheres negras residentes na América Latina, da qual Lélia nomeou de *amefrica ladina*⁷. Pessoa pública, a autora esteve presente no cenário político, sendo candidata a deputada federal, uma das principais fundadoras do Movimento Negro Unificado e do Feminismo Negro no Brasil. A mineira, que passou a maior parte de sua vida residindo no Rio, esteve presente nas linhas de frente do combate ao racismo, tanto nas ruas, quanto através de sua escrita.

Lélia, é o principal nome a teorizar a respeito dos efeitos do racismo e do sexismo enfrentado por mulheres negras, considerando a realidade Brasileira. Na grande maioria de seus trabalhos a respeito de temáticas envolvendo mulheres negras, a autora traz o elemento do “duplo fenômeno”.

Gonzalez esteve presente de forma ativa na luta e no combate ao racismo a partir de uma escrita que por vezes foge do padrão exigido pela academia, mesmo ela fazendo parte do cenário acadêmico, resolveu se apropriar do pretuguês em seus trabalhos, o português preto, dotado de elementos advindos das línguas africanas, como forma de se reafirmar enquanto uma mulher preta buscando o seu espaço. Em *Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira*, um dos textos utilizados neste trabalho, a autora afirma o seguinte:

É engraçado como eles gozam da gente quando a gente diz que é *Framengo*. Chamam a gente de ignorante dizendo que a gente fala errado. E de repente ignoram que a presença desse R no lugar do L nada mais é que a marca linguística de um idioma africano, no qual o L inexistente. Afinal, quem que é o ignorante? Ao mesmo tempo acham o maior barato a fala dita brasileira, que corta os erros dos infinitivos verbais, que condensa “você” em “cê”, o “está” em “tá” e por aí fora. Não sacam que estão falando pretuguês. (GONZALEZ, 1983, P. 90)

O ativismo de Lélia Gonzalez era muito bem pensado e bem posto em prática. A autora transformou e segue transformando mentes, intenção semelhante às das ativistas negras que utilizam as plataformas digitais para combater o racismo diariamente. Elas, assim como fez

⁷ Trata-se de um olhar novo e criativo no enfoque da formação histórico-cultural do Brasil que, por razões de ordem geográfica e, sobretudo, da ordem do inconsciente, não vem a ser o que geralmente se afirma: um país cujas formações do inconsciente são exclusivamente europeias, brancas. Ao contrário, ele é uma América Africana cuja latinidade, por inexistente, teve trocado o T pelo D para, aí sim, ter o seu nome assumido com todas as letras: *Améfrica Ladina* (não é por acaso que a *neurose cultural* brasileira tem no *racismo* o seu sintoma por excelência). Nesse contexto, todos os brasileiros (e não apenas os “pretos” e os “pardos” do IBGE) são *ladino-amefricanos*. (GONZALEZ, 1988, P. 127)

Lélia em diversos momentos em sua vida, se colocam nas mãos do julgamento branco, a fim de estremecer o sistema colonial racista que rege a estrutura social.

Lélia Gonzalez foi escolhida como principal suporte bibliográfico deste trabalho, não só pela sua obra impecável e atemporal, mas por sua trajetória em um Brasil de uma época onde não existia o suporte do ciberespaço para auxiliar em sua luta, mas mesmo assim, Lélia estava lá, lutando e incomodando a branquitude. Hoje a autora, que ainda não é conhecida por todos os brasileiros – mas muito em breve será, considerando a visibilização de sua obra, principalmente a partir das próprias redes sociais – segue influenciando de forma positiva na luta diária de outras mulheres negras, que se identificam com o seu legado e sua escrita acessível.

Por se tratar de uma autora que não viveu a tempo de presenciar o racismo no mundo atual, a partir da tecnologização da sociedade, e que também não abordou determinadas temáticas referentes a questões raciais que me deparei na pesquisa, utilizei algumas leituras complementares para contribuir para a minha análise e escrita dentro da pesquisa. A exemplo da escritora portuguesa Grada Kilomba, que teve uma contribuição importante, principalmente a respeito do direito à voz e acessos que não são permitidos às pessoas negras.

Em seu livro *Memórias da Plantação* (2008), especificamente no segundo capítulo, a autora irá discorrer – baseada em suas experiências a partir do ingresso na pós graduação em uma universidade – a respeito do acesso de pessoas negras em espaços destinados por muito tempo apenas à branquitude, e da permissão branca a partir desse. Kilomba inicia o texto fazendo uma reflexão a partir do texto da autora indiana Gayatri Chakravorty Spivak, intitulado *Pode o Subalterno Falar?*⁸. O capítulo nomeado *Quem Pode Falar?* em alusão ao texto de Spivak, levanta questionamentos a respeito de quem detém a voz e do porquê das pessoas negras não a possuírem, mesmo que estejam presentes em determinados espaços. A autora salienta também a respeito da marcação do corpo negro nos espaços dominados pela supremacia branca, a exemplo ela utiliza sua experiência pessoal ao frequentar uma universidade na Alemanha.

A capacidade que os corpos *brancos* têm de se mover livremente naquele recinto resulta do fato de eles estarem sempre “no lugar” – na não marcação da *branquitude* (Ahmed, 2000). A *negritude*, por outro lado, é significada pela marcação. Eu sou marcada como diferente e incompetente: diferente – “você não é daqui” –,

⁸ Assim, a interrogação que intitula seu ensaio atinge o cerne das Humanidades: a apreensão do Outro a partir de referenciais culturais distintos daquele a ser analisado. Seu argumento, e, como um todo, o do pós-colonialismo, aponta a incongruência de tentar explicar o mundo a partir de um ponto de vista europeu. É neste contexto que se inscreve a pergunta que nomeia o ensaio: Pode o subalterno falar? No limite, Spivak sustenta que “o Outro como Sujeito é inacessível para Foucault e Deleuze” (Spivak, 2010:54 [1985]). <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/12882>

incompetente – “somente para estudante universitárias/os” –, e assim imobilizada – “você tem certeza de que quer se registrar como aluna do doutorado?”. (KILOMBA, 2008, P. 62)

O corpo negro terá o seu pertencimento regulado a partir das normas regidas por um sistema social racista, e nas plataformas digitais não tem sido diferente. Principalmente quando falamos de mulheres negras, pois seus corpos são marcados duas vezes, assim como afirma a própria Lélia quando argumenta a respeito do racismo e do sexismo. E ao depender das características, do tom da pele, esses serão marcados de formas diferentes e também inferiorizados por alguns de seus semelhantes que reproduzem o racismo ensinado cotidianamente.

Em *Rediscutindo a Mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra* (1999), o antropólogo Kabengele Munanga discorre a respeito de uma das principais munições para a justificativa de uma “democracia racial” no Brasil, a mestiçagem. A mistura das raças e a existência do negro de pele clara, sendo considerado mais passível nos acessos, mesmo que a realidade não seja exatamente essa, é normalizada. Munanga quando fala a respeito das lutas incansáveis dos movimentos negros referente às conscientizações a respeito da identidade nacional, afirma que,

Apesar de ter fracassado o processo de branqueamento físico da sociedade, seu ideal inculcado através de mecanismos psicológicos ficou intacto no inconsciente coletivo brasileiro, rodando sempre nas cabeças dos negros e mestiços. Esse ideal prejudica qualquer busca de identidade baseada na “negritude” e na “mestiçagem”, já que todos sonham ingressar um dia na identidade branca, por julgarem superior. As dificuldades dos movimentos negros em mobilizar todos os negros e mestiços em torno de uma única identidade “negra” viriam do fato de que não conseguiram destruir até hoje o ideal do branqueamento. (MUNANGA, 1999, P. 16)

Devido a toda a problemática envolvendo questões identitárias em meio a negritude, que é ensinada a julgar o ideal da branquitude como inspiração, muitas mulheres negras que expõem conteúdos que visem alertar e educar racialmente as pessoas, recebem inúmeros comentários negativos de outras pessoas também negras. Comentários esses dotados de elementos advindos da ideia da existência de uma democracia racial.

Outros autores, como a psiquiatra brasileira Neusa Santos Souza e o psiquiatra martinicano Frantz Fanon, escrevem sobre casos e exemplos de pessoas negras que não aceitam suas características, e invalidam o que faz parte de sua semelhança. Pessoas negras que buscam no branco o seu ideal. Em *Tornar-se Negro*, Neusa Santos afirma que

Tendo que livrar-se da concepção tradicionalista que o definia econômica, política e socialmente como inferior e submisso, e não possuindo uma outra concepção positiva de si mesmo, o negro viu-se obrigado a tomar o branco como modelo de identidade, ao estruturar e levar a cabo a estratégia de ascensão social. (SANTOS SOUZA, 1983, p. 19)

A partir da tentativa de alcançar o branco a partir da ascensão social, o negro tentará fugir de tudo o que represente ou escancare as suas origens, reagindo tal qual uma pessoa branca ao deparar-se com mulheres negras problematizando o racismo, por exemplo.

Em seu livro *Pele Negra, Máscaras Brancas* (1952), precisamente no capítulo cinco *A Experiência Vivida do Negro*, Frantz Fanon relata as dificuldades e as dores de ser uma pessoa negra em uma sociedade branca opressora. Diante do cenário descrito por Fanon, muitas vezes nós, as pessoas negras, nos encontramos em um estado sufocante e agonizante, ao perceber o quanto estamos inseridos no mundo da branquitude e do quanto isto nos leva ao não reconhecimento do nosso ‘eu’. A sensação de não pertencimento a este mundo é presente em todos os momentos da vida de uma pessoa de cor. O autor expressa bem essa sensação de estar em uma espécie de limbo quando escreve que, “Queria ser tipicamente negro - isso já não era possível. Queria ser branco - disso, o melhor era rir. E, sempre que tentava, no plano das ideias e da atividade intelectual, reivindicar minha negritude, arrancavam-na de mim.” (p. 120). Em outros capítulos da obra, ele – e também Neusa em *Tornar-se Negro* (1983) – aborda temáticas que envolvem as relações da mulher negra e do homem negro na sociedade branca, e quais alternativas eles irão buscar na tentativa de tornarem-se brancos.

A escritora estadunidense bell hooks também é uma grande contribuição bibliográfica para este trabalho. Em seu livro *Olhares Negros* (1992) no capítulo onze, intitulado *A representação da branquitude na imaginação negra*, a autora argumenta a respeito do desconforto que as pessoas brancas sentem ao saberem que as pessoas negras possuem um olhar crítico em relação a branquitude. A partir desse desconforto, a branquitude faz o possível para eliminar e prejudicar ainda mais as pessoas negras, invalidando ou se apropriando de suas falas, conhecimentos, culturas e opiniões.

Algumas pessoas brancas podem até imaginar que não existe representação da branquitude na imaginação negra, especialmente uma que seja baseada na observação concreta ou na conjectura mítica. Pensam que são vistas pelas pessoas negras apenas como querem parecer. Ideologicamente, a retórica da supremacia branca apresenta uma fantasia da branquitude. (HOOKS, 1992, P. 253)

Como mencionado inicialmente, os textos de Lélia Gonzalez representam a bibliografia central deste trabalho, utilizando os autores aqui citados como suporte a partir do pensamento de Lélia, para contribuir com mais clareza nas análises necessárias para construção da pesquisa. Os textos da autora que foram utilizados neste trabalho encontram-se presentes no livro *Por um Feminismo Afro Latino Americano*, organizado por Flavia Rios e Márcia Lima, publicado em 2020.

Os textos utilizados foram:

- *Cultura, etnicidade e trabalho: Efeitos linguísticos e políticos da exploração da mulher (1979)*; neste texto Lélia faz críticas ao capitalismo em relação aos problemas de desenvolvimento desigual e formação das massas marginais. A partir de sessões, o texto vai se construindo a partir da identificação dessas massas, e da justificativa dos lugares de onde essas pessoas, que são negras, estão inseridas, na irregularidade e subalternidade, principalmente no caso das mulheres;
- *A mulher negra na sociedade brasileira: uma abordagem político-econômica (1982)*, onde a autora traz à tona a situação da mulher negra em relação a sociedade brasileira, a subalternização e a exploração como herança infeliz desde o período escravocrata;
- *Racismo e sexismo na cultura brasileira (1983)*, aqui Gonzalez utiliza-se da mulata do carnaval para demonstrar como o racismo e o sexismo funcionam unidos e de forma violenta no cotidiano das mulheres negras. A autora utiliza ainda os estereótipos da doméstica, da qual, em sua posição subalterna, será a personagem principal de “confusão” referente à toda e qualquer mulher preta. Lélia, aborda também temáticas que irão aparecer em outros textos, como o pretuguês, a mãe preta, e a amefricanidade.
- *Mulher negra (1985)*; *A mulher negra no Brasil (1995)*; *Mulher negra: um retrato (1979)*, também fazem um apanhado sobre a situação da mulher negra na sociedade brasileira em relação ao capitalismo e a subalternização da população preta, apresentando a mulher negra como a base do sistema piramidal da sociedade brasileira. É possível encontrar trechos já vistos em outras obras.
- *A categoria político- cultural de amefricanidade (1988)*, neste texto Lélia apresenta uma teoria bem construída a respeito da amefricanidade, que seria as características e influências deixadas pelos ancestrais e que marcam a cultura latino-americana, ou amefricana, como destaca a autora. Lélia identifica o pretuguês, o português do Brasil e suas influências das línguas africanas, como parte da amefricanidade.
- *Por um feminismo afro-latino-americano (1988)*, aqui a autora argumenta a respeito da necessidade da existência de um movimento voltado a causa das mulheres negras, apresentado a insuficiência das pautas feministas tradicionais e do próprio Movimento Negro.

Todos os textos de Lélia utilizados neste trabalho conversaram entre si e entre os textos complementares e foram cruciais nas discussões encontradas no material visual da *trend* do *TikTok* e das entrevistas. As mulheres negras encontram-se em uma sociedade que discute cada vez mais as questões raciais e de gênero, mas é esta mesma sociedade que continua

perpetuando as violências do racismo desde o período escravocrata mesmo dentro das redes sociais, mesmo em meio a tantas pessoas proporcionando letramento racial através dessas redes, utilizando as mais diversas estratégias, como no caso das *trends*.

3. O ATIVISMO DE MULHERES NEGRAS E AS REDES SOCIAIS: *TRENDS* E DENÚNCIAS

3.1 *A luta cotidiana, a falta de representatividade, a subalternidade e o apagamento*

O processo de lutas e resistência de mulheres negras sempre foram marcados por invisibilização e violências contra o seu ser, o seu corpo e o seu estar. O período escravocrata em terras brasileiras causou feridas que ainda na contemporaneidade perduram. Mesmo diante de tamanhas opressões, a população negra, que marca uma maioria marginalizada, não parou de lutar, sempre se resistiu, ao contrário do que a supremacia branca sempre popularizou.

Os ideais do Feminismo branco em toda a sua conjuntura buscou lutar pelos direitos das mulheres, em favor das igualdades em relação aos homens, buscando vencer o patriarcado que gera efeitos desmoralizantes para mulheres que ainda nem nasceram. Levando em consideração o histórico de lutas feministas, vê-se que o cenário modificou-se de forma considerável se compararmos a partir de diversos períodos da história. O Feminismo preza ainda pelo desvelamento da imagem da mulher como sendo frágil e incapaz de ocupar determinados lugares e exercer determinadas tarefas.

Todavia, a luta e as pautas feministas não representam a realidade de mulheres pertencentes a grupos que fazem parte de certas camadas sociais impostas à margem. As mulheres negras jamais foram representadas pela vertente branca do feminismo, pois sempre estiveram em posições que as mulheres brancas reivindicavam, mesmo que de forma precarizada. Mulheres negras nunca foram consideradas frágeis, muito menos foram impedidas de trabalhar pelo sistema colonialista, na verdade sempre foram obrigadas. Na realidade, enquanto carregou e carrega a prestação de serviços subalternos nas costas, foram e continuam sendo silenciadas e menosprezadas, sendo colocadas no espaço destinado à objetivação de sua existência nos mais diversos setores em que ser objeto se faz possível.

No que diz respeito aos primeiros grupos organizados de mulheres negras, durante esse período eles surgem no interior do movimento negro. E isso, em parte, se explica pelo fato de que os setores médios da população negra que conseguiram entrar no processo competitivo do mercado de trabalho no setor das ocupações não manuais são os mais expostos às práticas discriminatórias de mão de obra. Assim sendo, é no movimento negro que se encontra o espaço necessário para as discussões e o desenvolvimento de uma consciência política a respeito do racismo e suas práticas e de suas articulações com a exploração de classe. Por outro lado, o movimento feminista ou de mulheres, que tem suas raízes nos setores mais avançados da classe média branca, geralmente “se esquece” da questão racial, como já dissemos anteriormente. E esse tipo de ato falho, no nosso ver, tem raízes históricas e culturais profundas. (GONZALEZ, 1985, P. 102)

Mesmo com a existência do Movimento Negro, as mulheres negras tiveram que lutar para que suas pautas fossem tratadas como prioritárias dentro e fora do próprio Movimento. Ou seja, mesmo estando dentro de um espaço que deveria acolhê-la, mesmo fazendo parte da formação do movimento, em qualquer setor que esta mulher tentar acessar, ela precisará lutar e reivindicar para tentar modificar e mover a estrutura. Historicamente desde a escravidão foi assim como afirma a própria Lélia Gonzalez, segundo a autora, “Enquanto escrava do eito, ninguém melhor do que a mulher para estimular seus companheiros para a fuga ou a revolta” (Gonzalez 1982, P. 92). Portanto, mesmo que de forma indireta, as mulheres negras fizeram-se presentes nas lutas anti escravocratas, lutando pelos seus em favor da liberdade.

Mesmo que o Brasil seja o país onde vive a maior população negra fora da África - o que deveria contribuir para um cenário diferente do que se vê - se traçarmos uma pirâmide social que posicione a mulher negra em algum ponto, ela estará no último compartimento, conhecido como a base. Em comparação com homens e mulheres brancas, elas possuem chances mínimas, e em comparação com o homem negro, pouquíssimas chances, mesmo que este, também esteja em desvantagem em relação a homens brancos e mulheres brancas. Mas a mulher negra segue sendo a base do sistema piramidal racial e de gênero na sociedade. Mesmo não possuindo qualquer vantagem, ela é quem segue regendo o sistema a partir da prestação de serviços. Todavia, ela será impedida pelo sistema, pela branquitude, de sair desta posição, e mesmo que saia será sempre colocada de volta, mesmo que em palavras e atitudes dos demais aqui citados. Em *Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira*, Lélia Gonzalez aponta que,

Mas é justamente aquela negra anônima, habitante da periferia, nas baixadas da vida, quem sofre mais tragicamente os efeitos da terrível culpabilidade branca. Exatamente porque é ela que sobrevive na base da prestação de serviços, segurando a barra familiar praticamente sozinha. (GONZALEZ, 1983, p. 83)

A autora segue indagando a respeito de como e porque a sociedade brasileira chegou a este ponto, mesmo tendo havido uma abolição da escravatura que tão bem faz-se questão de ser lembrada. Mesmo em um país que prega a democracia racial mundo afora, que deveria inexistir o fato de que mulheres negras são silenciadas e menosprezadas. Mulheres essas que desde o período colonial lutam e sofrem com o racismo e o sexismo, e que tentam resistir das mais diversas maneiras diante das situações do racismo cotidiano.

3.2 As redes sociais e a oportunidade de serem ouvidas: as trends, os apagamentos e o TikTok

É sabido que as oportunidades de falar por si e sobre si para a população negra sempre foi de grande dificuldade graças ao sistema colonialista e a sua estrutura de exploração, inferiorização e apagamentos. Atualmente o mundo e as relações sociais vêm passando por diversas modificações devido ao avanço da Cibercultura e seus sistemas de influenciamento oriundos das redes sociais. Segundo a mestre em comunicação Laila Thaíse Batista de Oliveira,

A comunicação mediada por computadores se irradiou pelo mundo, ainda que a inclusão digital esteja longe de se estabelecer em muitos países em desenvolvimento. A parte do Planeta que já está conectada interage entre si, reforçando a dimensão do globo. Segundo Castells, as sociedades estariam, desse modo, organizadas em torno de redes, as quais modificam substancialmente a morfologia do nosso meio. Essas redes comunicacionais seriam estruturas flexíveis, com capacidade de expansão ilimitada e de tempo indeterminado, quase que infinito. (BATISTA DE OLIVEIRA, 2016, p. 814)

A partir desta nova conjuntura, que começa a tomar espaço e reger as estruturas sociais a partir do surgimento da internet nos anos 80 e 90, grupos tidos marginalizados, portanto silenciados, passam a se inserir para reivindicar, denunciar e falar de seus cotidianos, buscando assim combater práticas racistas que sempre foram normalizadas dentro da sociedade brasileira como também gerar empoderamento e letramento racial aos internautas.

Com a pandemia do vírus SARS-CoV-2 no ano de 2020, as plataformas digitais foram a principal forma que muitas pessoas encontraram para comunicar-se sem que houvesse aglomerações com riscos de contágio da covid 19. Muitos artistas fizeram *shows online* possibilitando a participação de milhares de pessoas. Grupos de diversos setores ativistas também levaram suas lutas para dentro das redes sociais e a mídia digital. O número de usuários de serviços digitais aumentou consideravelmente, principalmente no Brasil que, segundo uma matéria do *Blog Ninho Digital*, no ápice da pandemia já ocupava a posição de terceiro país que mais consumia as plataformas digitais. Segundo dados levantados pelo Doutor em Informática na Educação, Alex Primo

[...]como trata Ustun (2020), de que forma os serviços de comunicação on-line contribuíram para as estratégias de enfrentamento. Com os sujeitos restritos a uma “bolha doméstica” (Matias et al., 2020), os serviços de conversação e de redes sociais na internet viabilizaram a manutenção dos relacionamentos, constituindo uma forma de adaptação aos limites de circulação. É preciso destacar que 71,3% da amostra relatou que seu uso de mídias sociais aumentou durante a pandemia, sendo que dessa significativa parcela 37,1% disse ter aumentado muito. (PRIMO, 2020, P. 194)

Nos últimos anos, mesmo antes da pandemia, pautas ativistas oriundas de reivindicações do Feminismo Negro já vinham tomando as redes sociais com o intuito de influenciar outras mulheres negras como também desmistificar e combater o racismo e o sexismo. Não por acaso, no ano de 2015, observou-se o início de uma grande movimentação de digitais influencers que buscaram empoderar diversas mulheres a partir da aceitação do cabelo. Tal movimentação modificou o cenário para além do mundo virtual e diversas mulheres e adolescentes brancas e não brancas começaram a caminhar contra a famosa ditadura do cabelo liso perfeito. O movimento chamou atenção e passou a fazer parte dos interesses capitalistas e muitas empresas que eram financiadoras dos produtos de alisamento, passaram a investir e incentivar a utilização de produtos para os cabelos crespos e cacheados. Muitas dessas empresas utilizaram e ainda utilizam da grande rede de influências construída por mulheres negras nas redes para popularizar e vender seus produtos. Portanto, a partir da maior utilização dessas redes no período pandêmico, as mulheres negras e suas nuances popularizaram-se. E muitas delas alcançaram espaços de visibilidade que antes eram inimagináveis. A era das redes de influenciamento vem trazendo voz para essas mulheres, ecoando-as.

As redes sociais passaram e ainda passam por diversos processos de modificação e atualizações em suas estruturas funcionais para que sejam cada vez mais interessantes e ao gosto de seus usuários. A adaptação mais popular atualmente são as funções e plataformas de vídeos curtos que funcionam com apenas um arrastar de dedos. O *TikTok* seria o grande influenciador dessa nova maneira de utilização das redes. Esta possibilita o acesso a vídeos que possuem os mais variados temas. É nestas plataformas que muitas mulheres negras, famosas ou não, encontraram a oportunidade de denunciar o racismo/sexismo cotidiano, aquele por muito tempo normalizado pela sociedade brasileira.

O ativismo de mulheres negras na internet tem modificado o cenário, não só no ambiente virtual mas fora dele, ao contribuir para a agenda política da sociedade, conseguindo através da mídia alternativa, ser pautado pela grande mídia e assim provocar transformações sociais e culturais na sociedade. (BATISTA DE OLIVEIRA, 2016, p. 822)

Portanto as redes de influenciamento tem movimentado a estrutura social, mesmo que não tenha eliminado o racismo, tem gerado respostas positivas e negativas.

As redes sociais e as suas diversas funções permitem que haja inúmeras possibilidades de utilização. O capitalismo utiliza para lucrar, grupos ativistas utilizam para reivindicar e visibilizar suas lutas. No *TikTok* existem milhares de conteúdos que são popularizados a partir de séries de vídeos repetitivos reproduzidos por usuários dos mais variados lugares do

mundo. As *trends*⁹ vem tomando a plataforma e tornou-se a principal ferramenta para viralizar conteúdos. A exemplo da utilização de *trends* a fim de levantar pautas que são silenciadas pela grande mídia e pela sociedade, trago a *trend* intitulada “*Coisas que eu odeio em ser mulher negra*”, que será o principal elemento de análise deste trabalho. Nela, mulheres do Brasil e do mundo encontram espaço para escancarar os problemas enfrentados diariamente apenas por serem quem são, mulheres e negras.

As *trends* são uma das estratégias mais utilizadas dentro das plataformas digitais sendo elas de vídeos curtos ou não. As *trends* permitem, a partir de sua reprodução, que mais pessoas sejam alcançadas. No caso da *trend* analisada neste trabalho, mulheres não brasileiras também a utilizaram como ferramenta de troca e denúncia de suas experiências negativas a respeito de quem são. Não sabe-se ao certo onde a referida série de vídeos surgiu, se foi no Brasil ou não, sabendo que o *TikTok* é uma rede social utilizada no mundo todo e sua popularidade ainda é recente em redes brasileiras. Portanto, muitas de suas *trends* tem origem a partir de usuários de outros países. Todavia, ao chegar aos usuários brasileiros estas passam por adaptações que envolvem elementos particulares de suas realidades culturais na grande maioria das vezes.

A *Trend* “*Coisas que eu odeio em ser mulher negra*” tem suas primeiras produções datadas no ano de 2021, no ápice da pandemia. Muitos vídeos dessa época possuem números de visualizações considerados insuficientes para ser considerado um viral¹⁰, porém, outros vídeos possuem números surpreendentes uma vez que o que rege as visualizações são os ainda pouco conhecidos algoritmos que são responsáveis pela entrega dos conteúdos dos vídeos para os usuários. Já existem algumas pesquisas e discussões que sinalizam que materiais produzidos ou conteúdos sobre pessoas negras possuem pouca visibilização ou são entregues para determinados usuários apenas quando passam imagens estereotipadas.

Em 2018, o livro “Algorithms of Oppression: How Search Engines Reinforce Racism¹”, de Safiya Noble, ganhou importante notoriedade por desvelar de forma contundente os modos do racismo contemporâneo manifestados por resultados de busca. Analisando especificamente o Google, Noble mostra que as fórmulas algorítmicas que ditam os resultados das pesquisas, percebidas muitas vezes como neutras, objetivas e “infalíveis” (OSOBA & WELSER IV, 2017), na verdade reproduzem e fortalecem uma estrutura racista e machista. Noble argumenta que,

⁹ São vídeos que milhares - ou milhões - de usuários no *TikTok* se inspiram, ou copiam, criando suas próprias versões publicadas em seus perfis. As *trends* no *TikTok* surgem com muita frequência e ganham destaque no aplicativo, por isso, recebem o status de tendência. Embora as *trends* no *TikTok* tenham um curto período de popularidade em alta, é o suficiente para se destacarem e viralizarem na rede.
<https://aveli.com.br/trend-no-tiktok/>

¹⁰ Um conteúdo viral é classificado desta forma quando gera um número alto de visualizações, curtidas, comentários e compartilhamentos, além de chegar rapidamente à boca do povo pela velocidade com que o tema se popularizou nas redes sociais.
<https://www.expandeagencia.com/post/conteudo-viral-o-que-e-quais-exemplos-existem>

embora a empresa alegue que não pode se responsabilizar pelos seus resultados – uma vez que são um produto misto de relevância e popularidade advindas dos usuários, há pouca transparência a respeito do que direciona o algoritmo para estes resultados... (CARRERA, CARVALHO, 2020, p. 101)

IMAGEM 1

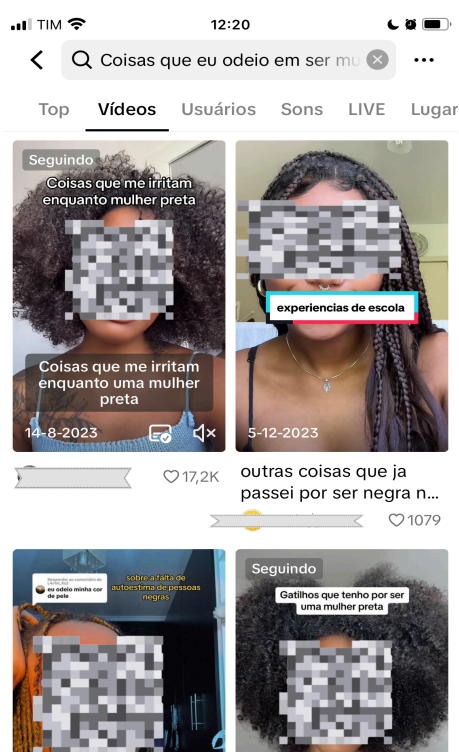
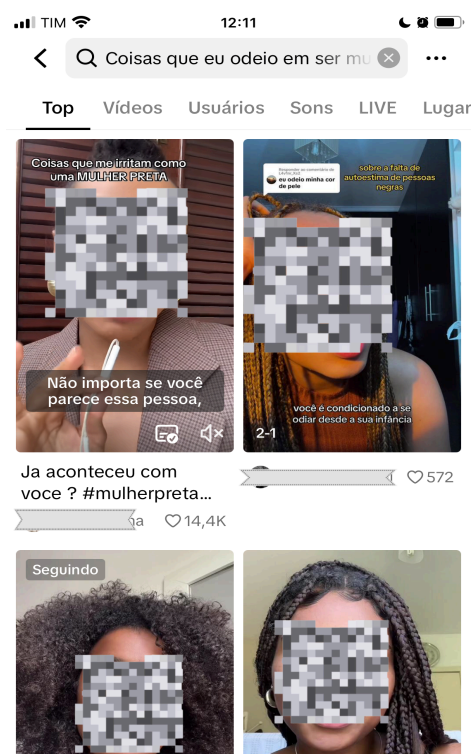


IMAGEM 2



A *Trend* “Coisas que eu odeio em ser mulher negra” dentro da plataforma do *TikTok*

Uma vez que o racismo está incrustado na estrutura tecnológica ainda de forma misteriosa para os estudiosos, não há explicações concisas para a pouca visibilidade nos vídeos de algumas das mulheres que participaram da *trend*. Mesmo que todas que fizeram parte desta movimentação tenham falado basicamente sobre as mesmas experiências, umas serão mais vistas que outras, e se pararmos para comparar as características físicas, o tom de pele e até a forma de se vestir, veremos quem está sendo viralizada e quem não está, é possível a partir dessas comparações visualizarmos quais estão sendo mais canceladas também, mesmo que todas elas sejam negras estão sujeitas a cultura do cancelamento.

Mesmo que as redes sociais, a exemplo do *TikTok* seja mais um ambiente dominado pelo racismo/sexismo do qual mulheres negras vão enfrentar as consequências, tem sido um espaço para conscientizar, uma vez que muitas das meninas que participaram da *trend* “coisas que eu odeio em ser mulher negra” passam a analisar criticamente algumas situações cotidianas a partir da troca de experiências de outras mulheres, e isto é bem nítido ao

encontrar em alguns vídeos comentários como: “nunca me identifiquei tanto”; “nossa eu normalizava tanta coisa que sempre me incomodou”; “faz a parte 2 do vídeo por favor”; “nossa assunto muito necessário, não tinha pensado dessa forma sobre essas coisas”. Portanto a *trend* tem gerado efeitos positivos.

Atualmente a *trend* não tem sido mais reproduzida da forma que era inicialmente. Mas como tudo que passa pelas plataformas digitais passam por adaptações, com a série de vídeos não foi diferente. Ao escrever na barra de pesquisas do *TikTok*, o nome da *trend* é possível encontrar vídeos recentes, de poucas semanas de postagem. Nestes novos vídeos as mulheres partem para uma discussão mais crítica e teorizada das situações. Vê-se nitidamente que estas estão cada vez mais engajadas a ocupar novos espaços e mentes.

Em um desses vídeos recentes, uma das internautas fala sobre as suas inseguranças enquanto mulher preta. Ela cita que não gosta de sair para fazer compras, que não gosta de sair de chinelo para que não pareça estar desarrumada e que não tem condições financeiras para estar em determinados lugares. A partir daí, ela faz uma crítica ao comportamento das pessoas brancas para com as pessoas negras, que são tratadas como um objeto exótico. Em outro vídeo, outra participante da *trend* fala que odeia quando ela é elogiada, por se tratar de elogios exagerados do tipo: “você é uma negra muito linda”; “você tem uma beleza de outro mundo”. Ela aponta que se sente um objeto nas mãos da pessoa, que é branca, que tece esse tipo de elogio. Em um comentário desse vídeo, uma pessoa pergunta o seguinte: “mas amiga, como faz então? eu posso achar bonito mas não posso falar que achei bonito?”. A todo o tempo é possível identificar questionamentos ao assunto discutido nos vídeos. Alguns com tom de curiosidade, por querer realmente aprender, e outros para ofender e desacreditar a fala das mulheres.

3.3 A mulher negra e o auto ódio: para além das trends

O racismo e o sexismo são nocivos e causam efeitos extremamente prejudiciais às vivências das mulheres negras. A *trend* “*coisas que eu odeio em ser mulher negra*” mostra um pequeno resumo de como práticas racistas, que são e sempre foram normalizadas, podem agir e prejudicar as relações sociais das quais essas mulheres estão inseridas.

O título da *trend* choca ao mencionar um auto ódio por parte dessas mulheres, mas o que talvez não choque alguns internautas que tiveram acesso ao conteúdo dos vídeos gravados através desta, é o fato de não saberem a origem deste sentimento que nem deveria existir mas infelizmente é real. Pessoas negras possuem auto ódio, e mulheres negras tem se auto mutilado com o intuito de amenizar o ódio por si mesmas, em busca de uma aceitação

mínima no mundo branco. Desde a infância somos ensinados pelo sistema colonialista a nos odiar, a negar as nossas características físicas, a inspirar-se na branquitude, porque são eles os detentores de toda a beleza.

A auto mutilação de mulheres negras por muito tempo não foi discutida como um problema, mas como uma solução para estarem de acordo com as regras da branquitude. A automutilação dessas mulheres se dá das seguintes formas: alisamento do cabelo, mudanças de comportamento, escolha nas relações, procedimentos estéticos, etc. Por muitas décadas e ainda hoje, os traços finos, o tom de pele mais claro e principalmente o cabelo liso foram porta de entrada para acessar o mundo branco e assim relacionar-se com a branquitude.

O apagamento de suas identidades e a negação dos traços e fenótipos negros se dão a partir de um passado histórico que regeu e ditou as regras apontando quem era digno de humanização ou não. As consequências deste, que humilhou e desumanizou a população negra, geram o racismo/sexismo atual, que adapta-se cada vez mais e de acordo com o momento histórico vivenciado.

Fica muito nítido a origem deste tipo de ódio contra si que mulheres negras possuem ao analisar as falas e frases presentes nos vídeos da *Trend*, exemplo: “ter sido o “Deus me livre” da maioria das pessoas que se referiam a mim no teor afetivo”; “ter vergonha dos meus traços e principalmente do meu cabelo natural”. São conteúdos que retratam a insegurança, o medo e o menosprezo enfrentados diariamente por essas mulheres. Este tipo de situação é normalizado por quem não sofre, e também é ensinado a ser normalizado por quem vivencia. O sistema ensina que pessoas negras precisam tentar se encaixar, ou ainda se esgueirar e se esconderem pois não são bem vindos, não podem habitar. Ao analisar alguns vídeos da *trend* encontrei frases como: “ser questionada por uma simples ação minha”; “sempre estar mudando de personalidade e visual, por me fazerem acreditar que não sou boa o bastante”; “ser facilmente trocada por uma mulher branca”; “só ser elogiada quando está com o cabelo 100% definido”; “só receber elogios se eu me hipersexualizar”, dentre outros.

IMAGEM 3

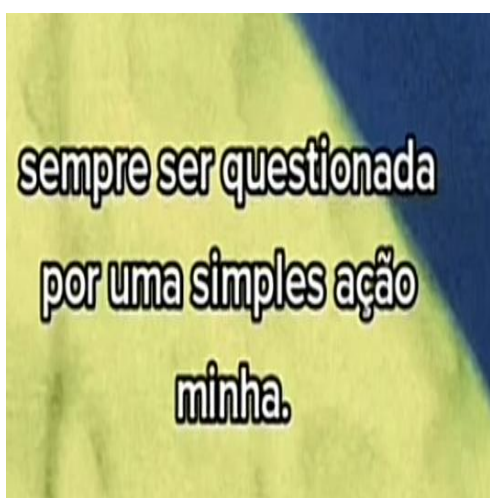
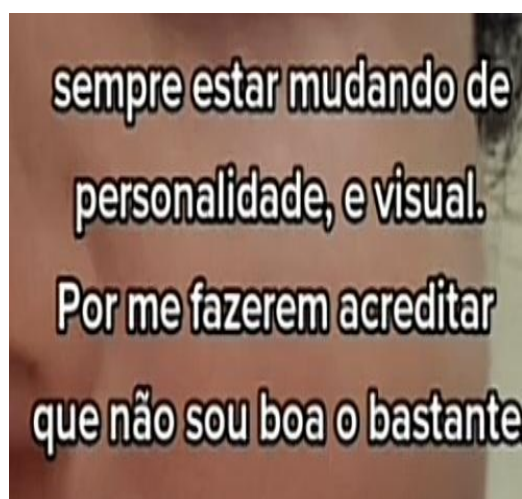
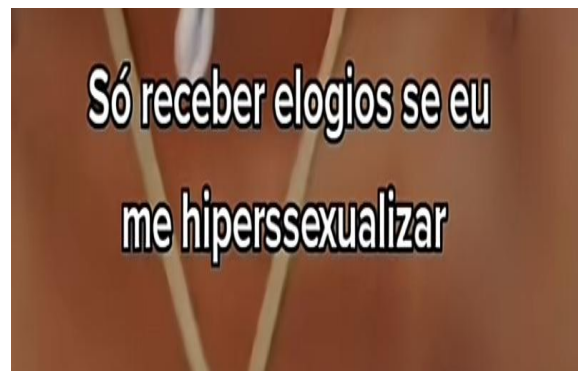
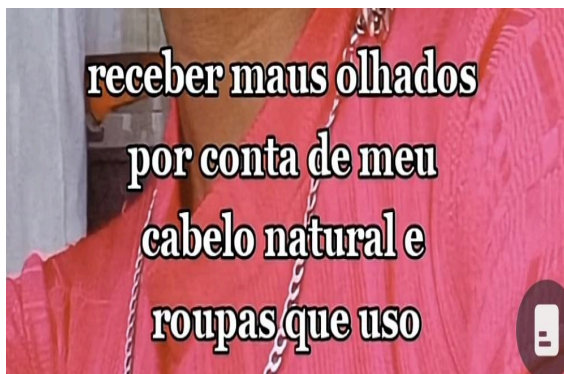


IMAGEM 4





Registros da frases retiradas dos vídeos da *trend*

É notório como a maioria das frases presentes na *trend* mexem com a autoestima dessas mulheres – “odeio ter que me arrumar muito pra qualquer lugar que eu vou se não eu vou parecer feia e mal cuidada”; “independente de quão arrumada eu esteja, as minhas amigas sempre serão melhores e mais bonitas que eu” – que precisam a todo momento se moldar para agradar. Lélia Gonzalez, na maioria de seus inscritos a respeito das mulheres negras brasileiras, irá tocar no ponto da visibilidade dessas na sociedade e dos seus manejos a partir do mito da democracia racial, na busca por uma aceitação que não vai existir, mesmo que pareça que existe em alguns casos, como o tão conhecido caso da mulata do carnaval relatado pela autora em um de seus textos mais famosos.

O mito que se trata de reencenar aqui é o da democracia racial. E é justamente no momento do *rito* carnavalesco que o mito é atualizado com toda a sua força simbólica. E é nesse instante que a mulher negra se transforma única e exclusivamente na rainha, na “mulata deusa do meu samba”, “que passa com graça/ fazendo pirraça/ fingindo inocente/ tirando o sossego da gente”. É nos desfiles das escolas de primeiro grupo que a vemos em sua máxima exaltação. Ali ela perde seu anonimato e se transfigura na Cinderela do asfalto, adorada, desejada, devorada pelo olhar dos príncipes altos e loiros, vindos de terras distantes só para vê-la. (GONZALEZ, 1983, P. 80)

A mulata do carnaval como exemplo do que muitas mulheres negras precisam fazer ou onde precisam estar para chamar atenção foi um excelente vislumbre da autora, pois abre um leque de possibilidades para analisar as situações diversas de racismo/sexismo enfrentado. É importante frisar que a mulher negra no carnaval não é o ponto central deste trabalho, mas o exemplo é cabível, uma vez que trata-se de uma realidade particularmente vista no Brasil por muitos anos, e pelo fato também de que mulheres negras seguem tendo que se sexualizar para se encaixarem. Mesmo assim, não são aceitas, não são adequadas para ocupar os espaços da branquitude. A autora continua sua crítica ao mito da democracia racial sobre as mulheres indagando que,

Como todo mito, o da democracia racial oculta algo para além daquilo que mostra. Numa primeira aproximação, constatamos que exerce sua violência simbólica de maneira especial sobre a mulher negra, pois o outro lado do endeusamento carnavalesco ocorre no cotidiano dessa mulher, no momento em que ela se transfigura na empregada doméstica. É por aí que a culpabilidade engendrada pelo seu endeusamento se exerce com fortes cargas de agressividade. É por aí, também, que se constata que os termos “mulata” e “doméstica” são atribuições de um mesmo sujeito. A nomeação vai depender da situação em que somos vistas. (GONZALEZ, 1983, P. 80)

Portanto, o auto ódio e consequentemente as mutilações pelas quais essas mulheres precisam sujeitar-se são parte das estratégias para não caírem em rotulações, tendo em vista que essas mulheres sempre são vistas como subalternas, logo, impróprias para serem vistas e ouvidas. A autora traz a doméstica como exemplo sempre latente dessa confusão pejorativa da supremacia branca para com mulheres negras que sempre serão colocadas a margem da subalternidade. A autora não afirma que exercer a função de empregada doméstica seja pejorativa, mas que a branquitude utiliza-se dela, por ser sempre a margem das margens das profissões, e que é na maioria dos casos exercida por mulheres negras, como forma de menosprezo e apagamento dos feitos e capacidades dessas mulheres.

4. COISAS QUE EU ODEIO EM SER MULHER NEGRA: A VOZ A PARTIR DA TREND

4.1 Localização da problemática da trend e a necessidade de ouvir as mulheres

Deparei-me com a referida *trend*, final do ano de 2022, quando utilizava o *TikTok* como forma de entretenimento para passar o tempo. Foi com um arrastar de dedos, que tive o primeiro contato com o conteúdo de um vídeo pertencente à discussão da série de vídeos curtos. A frase inicial me chamou atenção e me chocou, pois mesmo sendo também uma mulher negra nunca tinha parado para pensar neste auto ódio, mesmo os tendo a vida inteira. Imediatamente entrei na barra de pesquisa da rede social e escrevi “coisas que eu odeio em ser mulher negra” e um leque de conteúdos e formatos de vídeos sobre a temática apareceram.

Passei a acompanhar a *trend* por algum tempo, ainda sem interesses acadêmicos, fazendo apenas uma análise como mais uma internauta negra e curiosa aprendendo mais sobre problemas enfrentados diariamente e que passam despercebidos por serem normalizados, ou ainda por achar que o problema está em nós, e não nos outros ou na branquitude e o manejo histórico que ainda rege a funcionalidade racista do país.

Depois de um tempo observando o conteúdo dos vídeos apenas com o olhar de telespectadora, passei a enxergá-lo também com o olhar de pesquisadora. Comecei a associar algumas leituras às falas e frases inscritas pelas mulheres que participavam da *trend*, principalmente os textos da antropóloga brasileira Lélia Gonzalez, que falam da realidade das mulheres negras no Brasil a partir do racismo e sexismo. Logo, percebi que o conteúdo da grande maioria dos vídeos, ao falarem sobre o auto ódio envolviam questões que iam além e que não só perpassa questões raciais, mas de classe e gênero.

Muitas das situações enfrentadas pelas mulheres, e que foram relatadas nos vídeos exigiam que elas se moldassem de alguma maneira para serem vistas ou ouvidas, todavia, com completa insegurança e desprezo. Percebi, ao abrir os comentários dos vídeos em que tive acesso, que mesmo estando exibindo violências diárias enfrentadas por elas, muitas mulheres ainda eram descredibilizadas pelos internautas que tiveram acesso ao conteúdo. O analfabetismo racial é nítido em cada comentário maldoso deixado. O letramento racial é uma importante ferramenta de combate ao racismo. O conceito apoia-se à uma perspectiva de uma educação anti racista, que visa desmistificar narrativas perpetuadas dentro da sociedade que pregam e normalizam qualquer tipo de atitude racista nos mais diversos setores. O analfabetismo racial aqui é a falta de conhecimento –ou ainda o conhecimento estereotipado a respeito das questões raciais – por parte da população a respeito dos temas que envolvem as questões raciais, principalmente considerando a realidade brasileira.

A partir de todas as reflexões e ainda mais contato com os vídeos da *trend*, resolvi de alguma forma, torná-la discutível academicamente, uma vez que ainda não existem muitos trabalhos que referem-se à mulheres negras no *TikTok*, e estas vêm sofrendo muitos cancelamentos dentro da plataforma independentemente de estarem na *trend*, discutindo sobre o seu auto ódio. Lá, mulheres negras são canceladas, xingadas e menosprezadas se falam de moda, política, comédia, literatura, maquiagem, compras e etc. São canceladas até quando não falam, basta aparecerem, basta estarem na *for you*¹¹ de um racista.

Nesse sentido, para embasar na pesquisa, precisava ouvir algumas das mulheres que aparecem quando escrevo na barra de pesquisas “*coisas que eu odeio em ser mulher negra*”. Precisava saber quem eram essas mulheres fora da plataforma de vídeos e o que achavam a respeito da exibição de algo tão chocante para os usuários brancos, e até para mim enquanto

¹¹ Os critérios do TikTok para escolher os vídeos exibidos na aba "Para Você" é um mistério. A página "For You" no TikTok reúne, por meio de algoritmos, clipes que você supostamente gostará de assistir. Na tentativa de promover posts nessa aba, usuários usam as hashtags #FY ou #FYP na legenda do post. Os termos referem-se a *for you* e *for your page* (em português: “para você”, “para a sua página”). Ainda não se sabe se essa relação é estabelecida pelo app ou se, de fato, funciona.
<https://www.techtudo.com.br/listas/2020/04/o-que-significa-fy-no-tiktok-conheca-5-gurias-da-rede-social.ghtml>

mulher negra. A partir desta necessidade em saber mais, e deixar a pesquisa mais completa, pensando em informar e ensinar quem terá acesso a este trabalho, fui em busca do contato com algumas mulheres que ali estavam, reproduzindo a *trend*, falando sobre auto ódio, e expondo os responsáveis por este sentimento.

Entrar em contato com mulheres que não faziam parte do meu pequeno ciclo de seguidores na plataforma de vídeos, foi um grande desafio. Passei a deixar comentários nos vídeos que elas gravaram para a *trend* explicando que eu gostaria de entrevistá-las para uma pesquisa acadêmica sobre a temática do vídeo. obviamente que muitas delas não responderam ao comentário, mas segui tentando por um tempo até que obtive duas respostas de uma vez, ambas positivas.

Estive em contato com uma delas por cerca de sete meses antes da data da entrevista, e a outra acabei perdendo, creio que não utilize mais a conta que possuía na plataforma. Ao final da fase dos contatos, consegui ao todo três mulheres que concordaram em me conceder a entrevista como forma de colaboração com a pesquisa, porém uma delas pareceu não ter mais interesse na participação, uma vez que, quando contatada para marcar a data e o horário para a entrevista não respondeu mais as mensagens, e o trabalho seguiu com duas entrevistas que renderam questionamentos bem interessantes.

4.2 “a gente foi limitado muitos anos de estar em alguns espaços, e a mulher negra principalmente”

Como antes mencionado, tive acesso ao conteúdo dos vídeos da *trend* ainda quando não vislumbrava a temática apresentada como um objeto para pesquisa. Todavia, o vídeo de Mikaelen apareceu para mim, quando a pesquisa estava em andamento. O vídeo é recente, publicado no ano de 2023, e faz parte de um nicho mais atualizado, não pertence exclusivamente à proposta inicial da *trend*, que traz a frase “*coisas que eu odeio em ser mulher negra*” no início da gravação. O vídeo traz uma discussão muito concisa e coesa sobre o auto ódio de pessoas negras, e foi crucial para o enriquecimento do meu trabalho, e me ajudou a buscar e redirecionar, mesmo que um pouco, a minha proposta inicial de escrita.

Mikaelen Brito, tem 26 anos e reside no estado de São Paulo, possui graduação completa e atualmente ocupa o cargo de Contadora Sênior em um banco internacional, praticante do Candomblé, religião de matriz africana, ela se autodeclara preta. Quando avisada sobre o direito de preservação de sua imagem, a interlocutora autorizou que seu nome verdadeiro fosse utilizado neste trabalho.

O contato com a interlocutora, como já foi mencionado, se deu a partir de um comentário deixado no vídeo relacionado à *trend*. A referida, aceitou participar da pesquisa e

ser entrevistada em menos de 24h depois do comentário deixado. Ela pediu para que eu entrasse em contato em sua conta do *Instagram*. Após alguns dias, marcamos a entrevista, que foi *online*, ali mesmo, no *chat* do *Instagram*, via áudios. A participante recebeu um Termo de Livre Consentimento (Apêndice 1) por e-mail para assinar e autorizar a utilização do material recolhido no ato da entrevista, além da garantia da preservação de sua identidade, caso desejasse.

Mikaelen, assim como a outra interlocutora, mostrou-se uma mulher bem resolvida com a sua identidade racial. Iniciei perguntando se ela já produzia conteúdos sobre questões raciais antes do vídeo da *trend*, ela me respondeu que sim, e que aquele teria sido uma resposta em vídeo referente a outro que teria sido gravado anteriormente.

Eu: — *você produz conteúdos sobre questões raciais independente ou foi só pra aquele vídeo, só pela necessidade de falar sobre a temática do vídeo que eu te identifiquei? Só pra relembrar, falo do vídeo que eu vi no TikTok do qual tu falava sobre o auto ódio das mulheres negras, de pessoas negras, e aí tu já produz conteúdos sobre questões de raça ou foi pura e simplesmente porque te chamou atenção esse assunto e tu quis gravar?*

Mikaelen: — *Na verdade eu uso tiktok basicamente pra me expressar mesmo e trazer um pouco das coisas que eu já vivenciei. O vídeo que você se refere que fala do auto ódio, ele foi uma resposta a alguns questionamentos que eu recebi em outro vídeo sobre a questão racial. Então eu produzo sim material né, conteúdo no intuito de falar sobre racismo. Inclusive a minha a minha monografia foi falando sobre saúde mental de estudantes negros de contabilidade. Então essa pauta racial é uma das coisas que eu produzo conteúdos sim.*

Uma vez que a interlocutora já produz vídeos sobre racismo, tendo em vista também o seu histórico acadêmico, onde também pesquisou dentro da temática, é possível observar que ela faz parte de uma pequena camada de influenciadores que possuem uma certa contextualização mais teorizada em suas falas, ou seja, não utiliza-se apenas de relatos sobre suas experiências pessoais, mas expõe as situações teorizando-as, mesclando experiências e estudos. São uma pequena camada de usuários que possuem um certo letramento racial, e com seus vídeos buscam letrar ainda mais pessoas, e para isso utilizam de seus arcabouços teóricos/acadêmicos. Contudo, essas pessoas, falando especificamente das mulheres negras, são descredibilizadas e recebem milhares de comentários negativos sobre suas falas, e com Mikaelen não tem sido diferente.

Eu: — *Tendo em vista os racismos e o sexismo que mulheres negras enfrentam já na realidade fora das redes sociais, tu tem sofrido esse tipo de violência dentro das redes sociais, no TiKToK, por produzir esses tipo de conteúdo? Tu tem recebido algum*

comentário racista e sexista ou algo do tipo, ou alguém tipo comentou em alguns dos teus vídeos em forma de ódio realmente de colocar pra baixo, de forma racista, tem acontecido ou ainda não aconteceu...

Mikaelen: — *Gata isso acontece, já aconteceu, acontece e vai continuar acontecendo né, porque quando a gente fala sobre a questão do racismo isso é implantado, foi implantado e continua sendo implantado na cabeça das pessoas, que a mulher - falando agora de mulher porque eu sou mulher uma mulher preta - que a mulher preta ela está aí pra servir né, que nós ainda assim nos enxergam na cozinha. Então quando uma mulher vai se expor numa rede social de uma forma, pra falar sobre uma questão de racismo só que pautada em dados, pautado em livros, as pessoas entendem como que aquilo fosse mimimi sabe. E aí você é agredida de todas as formas, então eu sou agredida por outras mulheres pretas que não entende e não tem letramento racial, por mulheres brancas, por homens, homens pretos e também homens brancos, então isso vem de todos os lados tá. O racismo, eu sofro isso dentro do ambiente que eu trabalho, eu trabalho dentro de um banco americano eu sou a única da minha área não existe outra pessoa sabe, numa área muito específica, então comentários desse tipo de coisa eu ouço às vezes quando eu estou em reunião. Isso não vai parar de acontecer sabe, mas hoje eu faço terapia, eu trabalho muito a minha saúde mental, porque não vai deixar de acontecer né.*

Os comentários racistas, fazem parte da maioria das publicações de mulheres negras no *TikTok*, principalmente das que tratam de pautas raciais e demais ativismos. E é bem nítido que algumas pessoas não sentem que estão fazendo algo de errado e normalizam destilar ódio sobre outras pessoas a partir de comentários racistas e misóginos. A interlocutora me mandou algumas provas (anexo 1) da violência que vem sofrendo a partir desses comentários.

Segundo a teórica feminista estadunidense bell hooks,

Numa sociedade supracista branca, as pessoas brancas podem imaginar “seguramente” que são invisíveis para as pessoas negras, uma vez que o poder que garantiram historicamente — e que até hoje estabelecem coletivamente sobre as pessoas negras — concedeu-lhes o direito de controlar o olhar negro. Por mais fantástico que possa parecer, pessoas brancas racistas acham fácil imaginar que as pessoas negras não podem vê-las se, dentro de seu desejo, não querem ser vistas pelo Outro de pele escura. (HOOKS, 1992, P. 252)

O que poderia explicar as reações inexplicáveis nos vídeos de Mikaelen, que são pautados em dados e livros, seria esse “desconhecimento” que a supremacia branca escolheu possuir referente a representação da branquitude na imaginação negra. Portanto, para eles, e também para muitas pessoas negras, não somos capazes de tecer um olhar crítico da branquitude. O olhar negro sobre a branquitude relata principalmente o terror, e isto é

inadimiscível, pois o branco sempre foi autorepresentado dentro de um esteriótipo de bondade e mancição.

A revelação dessas representações da branquitude advindas das vozes de mulheres negras, que sempre foram e serão colocadas no lugar do objeto, é desvelada dentro da *trend*, porém o silenciamento, chamado nas redes de cancelamento, tenta ceifar o conhecimento e jogar a sujeira racista e sexista revelada por essas mulheres para debaixo do tapete. Quando indagada a respeito da voz e da visibilidade a qual as redes sociais, em particular o *TikTok*, pode trazer para as mulheres negras, Mikaelen respondeu o seguinte:

Mikaelen: — *Gata, ocupar os espaços, gente mulher negra que foi, população preta no geral né, a gente foi limitado muitos anos de está em alguns espaços, e mulher negra principalmente. Então a gente ocupar universidades, a gente ocupar cargos de liderança e etc, seria o auge de tudo, e a gente sabe que isso vai demorar ainda pra acontecer. E a rede social eu vejo isso como uma oportunidade dessa exposição, porém a lapada é muito forte sabe, porque quando você se propõe a gravar um vídeo e botar sua cara lá, você precisa entender que você vai ser chicoteado eu vou saber que essa palavra sabe, você vai ser açoitada, independente do vídeo que você postar...E isso é importante porque, por exemplo eu já vi outras mulheres falando sobre essa questão racial falando pautas importantes lá, e o consumo também coisas do TiKToK, e eu falei assim “legal o que ela está se propondo lá”, aí eu abri os comentários e olhava, eu falei “gente como mundo é podre né?”. Só que cara, por exemplo, eu sei muita coisa de contabilidade, ou coisa de letramento racial, porque também eu não poderia me expor pra ajudar outras pessoas a se espelhar como eu me espelhei em outras pessoas... Por exemplo, mesmo sendo uma contadora eu não tenho uma voz ativa na empresa pra falar sobre questões de diversidade porque eu não sou psicóloga. Dentro da empresa pra você tratar de diversidade como um todo você precisa ser psicóloga, eu não sou eu sou contadora, então eles olham assim como “você não tem esse lugar de fala dentro da empresa”. Na rede social não existe isso, ninguém vai falar assim “você tem esse lugar de fala”, não, isso é um ponto positivo mas também é negativo, porque existe muitas pessoas falando bosta por aí que ela não tem o mínimo de consciência daquilo mas tá lá falando sabe. Então essa exposição essa questão de a gente poder falar, a gente poder se comunicar, a gente poder falar que a gente pensa é muito bom, mas pra gente como mulher preta, a gente sempre vai ser vista de uma forma né, a gente vai receber muito hater¹²...*

¹² Os *haters* ("odiadores", em tradução livre para português) são pessoas que fazem críticas mal-intencionadas na Internet, cujo objetivo é magoar, fazer piada ou até mesmo sentir-se superior. O termo se popularizou na web por causa das redes sociais - plataformas em que facilmente se encontram haters - e também pelo fácil compartilhamento de opiniões online, que permite ainda fazer publicações maldosas sem identificação. <https://www.techtudo.com.br/listas/2023/09/o-que-e-hater-na-internet-veja-significado-e-traducao-para-o-portugues-edsoftwares.ghhtml>

Mesmo dentro de uma nova configuração social que parece não existir uma certa limitação, as mulheres negras ainda terão sua presença limitada pela branquitude. Ela não será considerada adequada para aparecer e ocupar. Mesmo fora das plataformas digitais, onde as regras anti racistas/sexistas parecem não existirem, nos ambientes de trabalho, mesmo que sejam as melhores no que fazem, mulheres negras terão suas falas, opiniões e atitudes descredibilizadas. Lélia Gonzalez irá discorrer a respeito da negação dos espaços e setores sociais quando se trata da presença das mulheres negras no texto intitulado *A Mulher Negra na Sociedade Brasileira: uma abordagem político-econômica*, a autora irá dizer, o seguinte:

De qualquer modo, novas perspectivas foram abertas nos setores burocráticos de nível mais baixo, que se feminizaram (prestação de serviços em escritórios, bancos, etc.). Mas como tais atividades exigem um nível de escolaridade que a grande maioria das mulheres negras não possui, muito mais motivos foram criados no sentido de reforçar a discriminação: o contato com o público exige “educação” e “boa aparência”. Quanto à minoria de mulheres negras que, nos dias de hoje, atingiram os níveis mais altos de escolaridade, o que se observa é que, apesar de sua capacitação, a seleção racial se mantém. Não são poucos os casos de rejeição, principalmente em multinacionais... (GONZALEZ, 1982, P. 57)

Dentro das plataformas, no *TikTok* e em outras redes sociais, a negação desse espaço será justificada a partir da negação da existência do racismo e do sexismo. A partir desta, as falas e também as exigências exibidas em vídeos por essas mulheres serão invalidadas, e o mito da democracia racial irá escorar-se no “mimimi”. E mais uma vez, Lélia terá a plena razão ao afirmar – quando falava sobre uma conferência da qual ela participou – que “[...] no momento em que começamos a falar do racismo e suas práticas em termos de mulher negra, já não houve mais unanimidade. Nossa fala foi acusada de emocional por umas e até mesmo de revanchista por outras.” (2020, P. 61). E assim permanece acontecendo, mesmo que haja efeitos positivos a partir da exposição dos conteúdos dos vídeos. Outras mulheres estão sendo beneficiadas, porém uma grande parcela das pessoas que acessam o conteúdo o inviabiliza pejorativamente, distribuindo racismos de forma gratuita sem nenhuma responsabilidade para as plataformas digitais que permitem a existência dessas violências.

4.3 “acho importante a gente falar sobre todas, as coisas boas e as coisas ruins, pra gente avançar enquanto pensadoras, enquanto críticas dentro da nossa sociedade”

Os motivos pelos quais levaram as mulheres que participaram da *trend* a gravar um vídeo falando sobre um assunto por vezes doloroso são diversos e as reações das pessoas que tiveram, ou têm, acesso ao conteúdo dos vídeos também. Como dito anteriormente, assim como fora das plataformas digitais, dentro das redes as mulheres negras também terão os espaços negados, sua presença aparente irá incomodar. Todavia, a produção e popularização

de pautas raciais no TikTok e plataformas podem gerar efeitos positivos, possibilitando uma grande rede de afetos e inspirações para mulheres e pessoas negras no geral.

A interlocutora Julia Miranda – que também permitiu a utilização do seu nome verdadeiro, abrindo mão da preservação de sua identidade –, graduada em artes cênicas e atriz de 23 anos, que reside no estado de São Paulo, passou a se questionar sobre o racismo e seus efeitos a partir da popularização da morte do estadunidense George Floyd em Minneapolis em maio de 2020. A morte trágica com requinte racista de crueldade, despertou uma grande manifestação popularizada mundialmente a partir das plataformas digitais, chamada *Black Lives Matter* ou *Vidas Negras Importam* traduzido para o português.

***Eu:** — Tu se lembra quando foi o momento da tua vida que tu teve conhecimento a respeito dessas situações abordadas nos vídeos, desse auto ódio das pessoas negras, que nós pessoas negras possuímos, do porquê desse auto ódio...*

***Julia:** — Foi com o movimento Black Lives Matter em 2020 da pandemia. Todo mundo começou a falar né sobre questões raciais a partir do momento em que aquele rapaz negro foi assassinado nos Estados Unidos e aconteceram muitas manifestações, repercutiu no mundo inteiro e as pessoas começaram a falar muito sobre questões raciais. E de repente todo mundo né, todas as pessoas quase, a maioria não né não todas né, mas a maioria das pessoas começaram a postar nas redes sociais, a deixar o fundo, a postar uma foto preta no seus perfis em apoio ao movimento, e muitas questões sobre racismo e letramento racial começaram a tomar conta do meu perfil. Eu já estava começando a ter essa noção a partir do momento que eu entrei na faculdade em 2018, mas assim começar realmente a falar “vou começar a estudar sobre, vou fazer movimentações por causa disso, vou mudar o meu ciclo nas redes sociais, vou mudar meu ciclo de amigo,s vou fazer mudanças efetivas na minha vida, por mim entender enquanto uma mulher negra”, foi com essa movimentação que houve nas redes, aí eu comecei a ter mais acesso a criadores de conteúdo negros e blogueiras, digitais influencers, professores, páginas que falam sobre negritude.*

O grande diferencial na vivência de pessoas negras e que perpassa o racismo, e o sexismo quando falamos de mulheres, são os movimentos que geram movimentos. São traumas vivenciados por elas ou por outrem, que causa uma espécie de despertar de si mesmo a partir de problemas enfrentados por outras pessoas negras ou ainda determinadas situações, por vezes explícitas, ocorridas com si. Julia, decidiu gravar vídeos sobre questões de raça na esperança de gerar uma rede de afetos para outras mulheres e meninas negras, para que elas saibam que não estão sozinhas, para aprenderem a reconhecer o racismo/sexismo cotidiano, além de aprenderem a se amar também.

Julia: — *Eu senti efeito, acho que muitas meninas se identificaram, mais do que eu pensava. Recebi muitas mensagens de meninas falando que sentem o mesmo. Mas é isso, às vezes a gente guarda o sentimento pra gente, porque a gente não tem ninguém pra falar sobre, ou gente fica até envergonhada de falar sobre com outras pessoas. E eu quis gravar esse vídeo pra colocar uma dor que eu queria desabafar, eu queria colocar pra fora, e pra alertar pessoas né, pra alertar pessoas que não são negras a não reproduzirem esse tipo de coisa que nos ferem, e também que essa rede de afeto principalmente com mulheres negras, pra que a gente possa falar sobre as coisas que nos incomodam abertamente sabe. E acho que deu certo, recebi muitas mensagens de meninas falando coisas que também as incomodam e republicando, enfim, às vezes chega em uma menina que é negra mas nunca falou sobre esse assunto. E acho que só o fato de chegar numa menina que é negra, passa por isso, mas nunca percebeu né, nunca teve consciência de que passa por isso, e começa a ter por causa de um vídeo, pra mim já é um grande feito.*

Mesmo em meio a toda a positividade que a gravação dos vídeos da *trend* vem gerando, como já elencado, também haverão comentários de pessoas racistas, que fazem o possível para menosprezar as mulheres e o conteúdo apresentado nos vídeos, e assim como ocorre com Mikaelen, com Julia não tem sido diferente. A única diferença entre as duas são as reações que ambas têm ao se depararem com os ataques racistas.

Eu: — *Tu tem percebido mesmo em meio aos comentários positivos, as mensagens positivas né que tem suprido esses efeitos, tu tem percebido alguns ataques ou comentários racistas em seus vídeos ou não?*

Julia: — *As vezes chegam um ou outro, mas mais falando que isso é mimimi, que essee tipo de vídeo é mimimi, que não importa a cor da pele, sabe, que a gente está fazendo uma movimentação errada, que os próprios negros se separaram, ou já chegou gente falando sobre cabelo, eu fiz um vídeo né sobre as pessoas perguntando como é que lava cabelo de pessoas negras e como se incomoda, e aí eu recebi um assim “ai mas entra água nesse tipo de cabelo”, recebo coisas assim ou pessoas falando “ah mas você nem é negra”, por eu ser uma mulher negra não retinta, mas isso não me abala muito porque meus pais são pretos então não teria nem como eu não ser uma mulher negra. Mas tem alguns comentários assim. Que aí quando eu vejo ali no filtro eu excluo e vida que segue, quando é um comentário muito desrespeitoso né como o do cara que falou que nem entra água no nosso cabelo eu denuncio conta. Acho que não aconteceu nada né dessa vez que eu denunciei, mas eu fiz minha parte.*

A reação diferente da reação da outra interlocutora – **Mikaelen:** — *eu falo uma coisa no vídeo, a pessoa responde uma coisa absurda, eu vou lá abro um vídeo só pra aquela resposta dela, e*

eu chamo ela de burra de uma forma intelectual, de uma forma bonitinha: “mais assim ó você é um burro”. Então eu adoro fazer isso... – em relação aos comentários racistas é o reflexo de como pessoas negras são pessoas diferentes, as violências são igualáveis, todavia as reações, os gostos e etc, são diferentes, fugindo da expectativa da branquitude em criar estereótipos em seu imaginário para classificar a população negra, particularmente as mulheres.

A não aceitação de sua presença e reivindicações, como já mencionei algumas vezes neste trabalho, é efeito de um sistema supremacista branco onde se cria um papel para o branco, como o mocinho que é bom e inteligente, detentor da verdade e do conhecimento, e o negro como o vilão, ruim, animalesco, incapaz de deter qualquer tipo de inteligência. Portanto, ao deparar-se com uma pessoa negra, principalmente uma mulher, em uma estrutura patriarcal e racista, a tendência é a aniquilação e apagamentos dessa voz.

O que não se percebe é que, no momento em que denunciemos as múltiplas formas de exploração do povo negro em geral e da mulher negra em particular, a emoção, por razões óbvias, está muito mais em quem nos ouve. Na medida em que o racismo, enquanto discurso, se situa entre os discursos de exclusão, o grupo por ele excluído é tratado como objeto e não como sujeito. Consequentemente, é infantilizado, não tem direito a voz própria, é falado por ele. E ele diz o que quer, caracteriza o excluído de acordo com seus interesses e seus valores. (GONZALEZ, 1979, P. 43-44)

Por fim, não poderia deixar de indagar à interlocutora a respeito do racismo/sexismo dentro das artes, área de trabalho dela. No vídeo que ela gravou dentro da *trend*, no dia 20 de novembro de 2023, dia da Consciência Negra, Julia fala também das dificuldades enfrentadas enquanto uma mulher negra dentro da área da atuação. Ela fala que mesmo tendo começado a gravar vídeos para a internet como forma de conscientização anti racista para os internautas, viu também uma oportunidade para tentar ficar mais conhecida e receber mais oportunidades de emprego, uma vez que pessoas brancas e também influenciadores digitais sem formação na área tem tomado o espaço dos profissionais como ela.

Julia: — *Por exemplo, se aparece um anúncio de uma produtora “precisamos, vamos gravar uma novela, um longa, ou sei lá, uma série, uma publicidade e precisamos de atrizes de 20 a 30 anos”, se não está escrito que são atrizes negras eu sei que esse teste dificilmente é pra mim, se precisam de atrizes e precisam de mulheres eu sei que eles estão se referindo a mulheres brancas, agora se precisam de mulheres negras, aí eu sei que eu posso fazer o teste. A representatividade nas telas, nas publicidades vem mudando, vem melhorando, mas acho que a gente ainda tem muito o que caminhar, ainda hoje a maioria das atrizes e dos atores que a gente vê na televisão, nas publicidade são pessoas brancas e faz parte, acho que eu venho tentando conquistar o meu espaço, mas sei que ainda difícil, ainda penso que se eu fosse uma atriz branca com*

o talento que eu tenho com estudo que eu tenho eu teria bem mais acessos e e chances e oportunidades de trabalhar e ser bem mais sucedida na na minha área. Sem contar que a gente vem perdendo muito espaço pra digital influencers, pra blogueira né, pra pessoas que não tem estudo nenhum e conhecimento nenhum no ramo da atuação, das artes, mas mesmo assim são chamadas pra fazer campanhas milionárias, pra assinar contratos de muito valor enquanto, quando fazemos testes e quando passamos o salário é muito inferior né ao que se pagaria pra uma TiK ToK branca, uma digital influencer por exemplo. Isso foi uma das coisas que me fez também começar a gravar vídeos na internet.

No texto intitulado *Cultura, Etnicidade e Trabalho: Efeitos linguísticos e políticos da exploração da mulher*, Lélia pontua o seguinte:

O que se opera no Brasil não é apenas uma discriminação efetiva; em termos de apresentações sociais mentais que reforçam e se reproduzem de diferentes maneiras, o que se observa é um racismo cultural que leva, tanto algozes como vítimas, a considerarem natural o fato de a mulher em geral e a mulher negra em particular desempenharem papéis sociais desvalorizados em termos de população economicamente ativa. No que se refere à discriminação da mulher, que se observem, por exemplo, as diferenças salariais no exercício de uma função com relação ao homem, e a aceitação de que “está tudo bem”. Quanto à mulher negra, sua falta de perspectiva quanto à possibilidade de novas alternativas faz com que ela se volte para a prestação de serviços domésticos, o que coloca numa situação de sujeição, de dependência das famílias de classe média branca. (GONZALEZ, 1979, P. 42)

Portanto, ainda que Julia, enquanto mulher e negra, ascenda socialmente a partir das redes sociais, e cresça profissionalmente por meio de todos os manejos que vem desenvolvendo para isto, ela será de alguma forma levada ao escárnio do racismo e do sexismo, que é normalizado e tão bem executado pelos mais diversos setores da sociedade. Mesmo que esteja escancarando as violências do racismo cotidiano, será sempre fadada ao silenciamento a partir das estereotipações diversas e negações a partir delas. E assim vem sendo com todas as mulheres pertencentes à *trend* ou não, sendo letradas racialmente ou não.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo principal evidenciar e analisar, a partir do pensamento de Lélia Gonzalez, como as mulheres negras vêm encontrando espaço a partir das plataformas de vídeos curtos, em específico o *TikTok*, para explanar suas realidades, e como a exposição da temática pode beneficiar diversas mulheres e adolescentes negras que utilizam essas redes. Para alcançar este objetivo, foi realizada uma pesquisa minuciosa a partir da *trend* do *TikTok* intitulada “*Coisas que eu odeio em ser mulher negra*” a fim de analisar de forma mais concisa e centralizada quais os efeitos e demandas que a série de vídeos tem gerado para a denúncia e o combate ao racismo dentro das redes. Foi realizada também uma pesquisa centrada nos principais textos da antropóloga Lélia Gonzalez, presentes no livro *Por Um Feminismo Afro Latino Americano* lançado em 2020 e que reúne os principais trabalhos da autora. O estudo das obras de Lélia foram cruciais para a análise de todo o material recolhido na pesquisa, além da construção, execução e análise das entrevistas realizadas. Também foram utilizadas algumas leituras complementares a fim de dar conta de demandas que os textos de Gonzalez não daria.

Com a maior utilização das redes sociais a partir do período pandêmico, mulheres negras e também pautas que antes não eram tão popularizadas na grande mídia passaram a ter maior visibilidade na sociedade. Apesar das violências e racismos enfrentados dentro das redes, as reivindicações a partir da popularização de pautas raciais dentro dessas plataformas têm surtido efeitos positivos. O racismo não foi erradicado, e nem está perto de ser, mas a sociedade vem tendo acesso – mesmo que por vezes a branquitude não aceite a verdade e reaja – ao que antes não era sequer mencionado ou levado em consideração possuir certa liberdade para a discussão.

A *trend* “*Coisas que eu odeio em ser mulher negra*”, como também outras *trends* de cunho racial e de gênero, tem gerado efeitos positivos, é nítido, em meio aos comentários pejorativos, a presença de comentários de outras mulheres e meninas que passam a reconhecer o racismo vivenciado e normalizado em seus cotidianos a partir do conteúdo de outras mulheres negras, que experienciam e ensinam sobre o quão violento e ardiloso é o racismo/sexismo. E também trazem esperança para outras mulheres, criando uma grande rede de afeto. A interlocutora Julia Miranda fez uma movimentação contrária da *trend*, e esta vem gerando conteúdos bem positivos e inspiradores para as mulheres negras. A *trend* criada por ela chama-se “*Coisas que eu amo em ser uma mulher negra*”, e vem movimentando as discussões a respeito da autoestima e da segurança de si dessas mulheres.

Em meio aos comentários negativos, relatados pelas duas interlocutoras, e particularmente mostrado por Mikaelen a partir do material disponibilizado por ela, estes já vem sendo filtrados pelo próprio *TikTok*, como afirma Julia em uma de suas falas na entrevista. Porém, o filtro tem sido insuficiente e ainda ineficaz, pois não evita a sua disseminação, podendo prejudicar diretamente na saúde mental dos usuários.

Faz-se cada vez mais necessária, as discussões dos racismos a partir da utilização das plataformas digitais, tanto como disseminadora de violências, quanto como ferramenta de combate. A regulamentação das redes sociais tem sido pauta do Governo Federal desde meados de 2023, uma vez que as redes sociais, e toda a sua facilidade de perpetuação informacional, tem mostrado-se uma grande ameaça para a democracia a partir de alguns acontecimentos marcantes em todo o mundo, a exemplo da invasão do Capitólio nos Estados Unidos e também a invasão ao Congresso Nacional no Brasil, ambas articuladas e organizadas dentro das redes sociais e alimentadas pela grande disseminação de *Fake News*.

No Brasil está em vigor o Marco Civil da Internet, a Lei nº 12.965/2014, que regula as redes sociais no país, mas apenas de forma interna, sem haver qualquer punição direta para as plataformas digitais. Faz-se urgente e importante, que se regule as redes sociais de forma plena, visando o combate à crimes de ódio e organizações criminosas, além de garantir a segurança e a liberdade de expressão, principalmente quando trata-se de conteúdos que visam informar e educar a população, como no caso da *Trend* do *TikTok* analisada neste trabalho.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AKOTIRENE, Carla. **Sobre mulheres negras e cancelamentos nas redes sociais**. [S. l.]: Vogue, 29 jul. 2020. Disponível em: <https://vogue.globo.com/atualidades/Mulher-e-Diversidade/noticia/2020/07/sobre-mulheres-negras-e-cancelamentos-nas-redes-sociais.html> . Acesso em: 24 jan. 2023.
- BERTICELLI, Caroline. O uso das redes sociais no Brasil e as mudanças durante a pandemia. In: ILAÍDES, Larissa. **O uso das redes sociais no Brasil e as mudanças durante a pandemia**. [S. l.]: Ninho Digital, 9 maio de 2022. Disponível em: <https://ninho.digital/uso-das-redes-sociais/> . Acesso em: 20 jan. 2023.
- CARRERA, Fernanda; CARVALHO, Denise. Algoritmos racistas: a hiper-ritualização da solidão da mulher negra em bancos de imagens digitais. **Galáxia (São Paulo)**, p. 99-114, 2020.
- FANON, Frantz. **Pele Negra, Máscaras Brancas**./ Tradução de Renato da Silveira. Salvador, BA: EDUFBA, 2008.
- FLICK, Uwe. 2009. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3ª edição. Porto Alegre: Artmed
- GONZALEZ, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. In: Luiz Antônio Silva (Org.). Movimentos sociais, urbanos, memórias étnicas e outros estudos. Brasília: Anpocs (Ciência Sociais Hoje, 2), 1984, p. 223-244. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/6608168/mod_resource/content/1/06%20-%20GONZALES%2C%20L%C3%A9lia%20-%20Racismo_e_Sexismo_na_Cultura_Brasileira%20%281%29.pdf Acesso em: 28 de dezembro de 2022
- GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo Afro Latino Americano: ensaios, intervenções e diálogos** / organização Flávia Rios, Marcia Lima. - 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
- HENRIQUE, Layane. **Saiba do que se trata a regulação das redes**. Politize!, 27 de jun. 2023. Disponível em: <https://www.politize.com.br/regulacao-das-redes-sociais/>. Acesso em 23 de Dezembro de 2023.
- HOOKS, bell. Representações da branquitude na imaginação negra. In: HOOKS, bell. **Olhares Negros: raça e representação**. São Paulo: Elefante, 2019. p. 248 - 265.
- KILOMBA, Grada. Quem pode falar? Falando do centro, descolonizando o conhecimento.

In: KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação**: Episódios de racismo cotidiano. Cobogó.

MUNANGA, Kabengele. **Redescobrimo a mestiçagem no Brasil**: Identidade nacional versus identidade negra. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

SEMINÁRIO NACIONAL DE SOCIOLOGIA DA UFS, 1., 2016, Sergipe. **NARRATIVAS EM REDE: O FEMINISMO NEGRO NAS REDES SOCIAIS** [...]. Sergipe: Programa de Pós Graduação em Sociologia – PPGS, 2016. 160 p. Disponível em: <https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/12873/2/NarrativasRedeFeminismoNegro.pdf/> Acesso em: 16 jan. 2023.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro**: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. 2a ed. Rio de Janeiro, RJ: Edições Graao, 1983.

Roteiro das Entrevistas - Apêndice 1

PARTE 1 - IDENTIFICAÇÃO DA ENTREVISTADA

Data:

Nome:

Idade:

Estado:

Escolaridade:

Ocupação:

Raça/Cor:

Religião:

PARTE 2 - PERGUNTAS

1. Você sente a necessidade de se produzir, se arrumar mais para gravar vídeos para o *TikTok*? Se sim, porquê?
2. Você produz conteúdos sobre questões raciais ou foi só para a trend? se produz, acha que tem surtido efeitos?
3. Seus amigos e familiares tiveram acesso ao conteúdo do seu vídeo? Se sim, qual a reação que tiveram?
4. Após a exposição de situações presentes na trend, que por vezes são pessoais, houve alguma mudança nas relações afetivas e românticas?
5. Quando você teve conhecimento a respeito das situações abordadas nos vídeos da trend você passou a viver em sociedade de forma mais crítica? Você problematiza situações de racismo/sexismo em seu cotidiano?
6. Você recebe ataques e comentários racistas em seus vídeos?

TERMO DE LIVRE CONSENTIMENTO - APÊNDICE 2

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidada a participar da pesquisa intitulada “COISAS QUE EU EU ODEIO EM SER MULHER NEGRA”: VISUALIDADES E ESTEREÓTIPOS DA MULHER PRETA NAS REDES SOCAIS, CONSIDERAÇÕES ACERCA DA OBRA DE LÉLIA GONZALEZ, de responsabilidade de Maria Esteffane Liberato da Silva, sob a orientação da professora Ana Cláudia Rodrigues da Silva. A pesquisa integra meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em Ciências Sociais - Licenciatura na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Em caso de aceite, assine ao final deste documento que possui duas vias.

A entrevista será gravada, mas seu nome não será divulgado, sendo mantido rigoroso sigilo mediante a omissão total de informações que permitam identificá-la. Os dados provenientes de sua participação na pesquisa, tais como questionários, entrevistas ou arquivos de gravação, ficarão sob minha guarda.

Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper sua participação a qualquer momento. A recusa em participar não acarretará qualquer penalidade. Você pode pedir esclarecimentos durante e após a conclusão da pesquisa através dos contatos: (81) 99712-4018 e esteffane.liberato@ufpe.br

Eu, _____, declaro que após ter recebido os esclarecimentos pela pesquisadora e ter entendido o que me foi explicado, concordo em participar desta pesquisa.

Assinatura da participante

Assinatura da pesquisadora

Maria Esteffane Liberato da Silva

Data: __/__/____

ANEXO

Material disponibilizado pela interlocutora Mikaelen referente ao racismo em comentários de seus vídeos no *TikTok* - Anexo 1

